

O ritual kwarup em memória aos mortos no alto Xingu

Mavutsinin sempre existiu, desde o começo dos começos e antes mesmo do mundo do alto Xingu ter surgido. **Mavutsinin** precisava de corda para o seu arco. Quem tinha a corda era **Yawat**, a onça, e quando o herói a pegava, a onça tentou flechar-lhe. **Mavutsinin** falou: "Você não pode me flechar; eu tenho filha pra você casar com ela".

As filhas de **Mavutsinin**, sabendo do perigo que correriam, não quiseram casar com a onça. Então, o herói resolveu fazer as filhas de que precisa: foi para o mato, cortou três espécies de árvores e enfeitou os troncos. Ele fez **kwarup**, que virou gente. **Yawat** casou com elas, e uma dá à luz a **Kwat** e **Yaí**, a lua e o sol. Mas ela é morta pela mãe da onça. Os meninos choraram.

"O que vamos fazer? Agora temos de fazer **kwarup**". Quem ensinou foi **Mavutsinin**: "**kwarup** não vai virar gente, é só pra lembrar sua mãe". Depois, convidaram todas as tribos para a festa.

Mavutsinin falou: "Bom, vamos fazer **kwarup** todo ano. Quando acabar de fazer **kwarup** tem de levar lá dentro d'água. Não pode ficar aqui fora". Os meninos, então levaram o **kwarup** para o lago. Até hoje, ninguém o viu

Quem conta esse mito sobre a origem do **kwarup** são os **Kamayurá**. Sempre que morre um capitão ou uma mulher descendente em linha direta de um deles, o **kwarup** é celebrado em sua memória. É uma comemoração de tristeza e pesar, realizado pelos parentes consanguíneos mais próximos, os "donos do morto". É celebrada por quase todos os povos indígenas do Xingu.

Anunciada a morte, as pessoas da aldeia vão para a casa do morto com presentes de enfeites e começam a se lamentar e a chorar. Um grupo de homens pedem permissão ao "dono do morto" para fazer o funeral, e o enterram no centro do terreiro. Antes, seu corpo é pintado com urucum e ornamentado. Ele é enterrado olhando para o nascente, para que possa ver surgir o sol todos os dias. Após alguns rituais, a alma do morto sobe ao céu, uma grande aldeia dos antepassados.

Os preparativos para o cerimonial se inicia com vários dias de antecedência. Até que os homens saem para cortar os troncos que serão transformados em **kwarup**, outros rituais são realizados. É quando então grupos saem para convidar as outras tribos para o **kwarup**. Normalmente são esperados com expectativa, pois todos sabem de sua realização.

No dia em que os **kwarup** são pintados, já de manhã eles são buscados no mato, onde até então estavam escondidos dos olhos das mulheres. O número deles é de acordo com o número de mortos que serão celebrados.

Antes da pintura ser iniciada, eles são fincados ao chão. A parte superior do tronco, a "cabeça", recebe o algodão, representando o cabelo, e com tinta branca um rosto triangular é pintado. Como os mortos, o rosto do **kwarup** deve ficar em direção do nascente. Após a pintura, os homens começam a cantar, e, depois, cada qual se dirige ao seu **kwarup** e o arranca do chão. Pelo seu peso, outros homens os ajudam a carregar. Uma procissão com os carregadores à frente é formada; atrás deles vêm os cantadores, lado a lado; e por fim os outros homens e os meninos. As mulheres mantêm-se em casa, onde choram. Lentamente, os **kwarup** são levados para frente da casinha das flautas, onde são postos em suas posições definitivas.

Fincados, os parentes dos mortos acorrem aos **kwarup** chorando. Alguns se abraçam a eles. Os cintos de algodão, os cocares, o cabelo de algodão em rama, as braceleiras e os colares trazidos pelas mulheres são colocados nas esfígies pelos homens. Terminado o cerimonial de adorno, grupos de dançarinos aparecem no pátio e começam a dançar de frente a eles, que logo são cobertos para se protegerem do sol e do sereno da noite.

Mas os enlutados devem deixar de sentir saudade ou tristeza, terminar o luto. É quando o cabelo deles é cortado e depois pintado. O mesmo é feito com os outros homens da aldeia. Terminada a pintura dos cabelos, uma fogueira é acesa diante dos **kwarup** para que durante a noite eles não ganhem vida. Daqui por diante vários cantos serão entoados, e um deles manda os homens tomarem banho e pintarem o corpo para a luta. Alguns deles já começam a se esquentar com

óleo de pequi, na expectativa da luta da manhã seguinte.

Ainda nesse dia, as tribos convidadas começam a chegar. Como ainda não podem entrar na aldeia, os visitantes se instalam em um local próximo a ela. Eles devem passar a noite sem dormir, senão os males sonhados poderão trazer a derrota na luta que ainda vai acontecer.

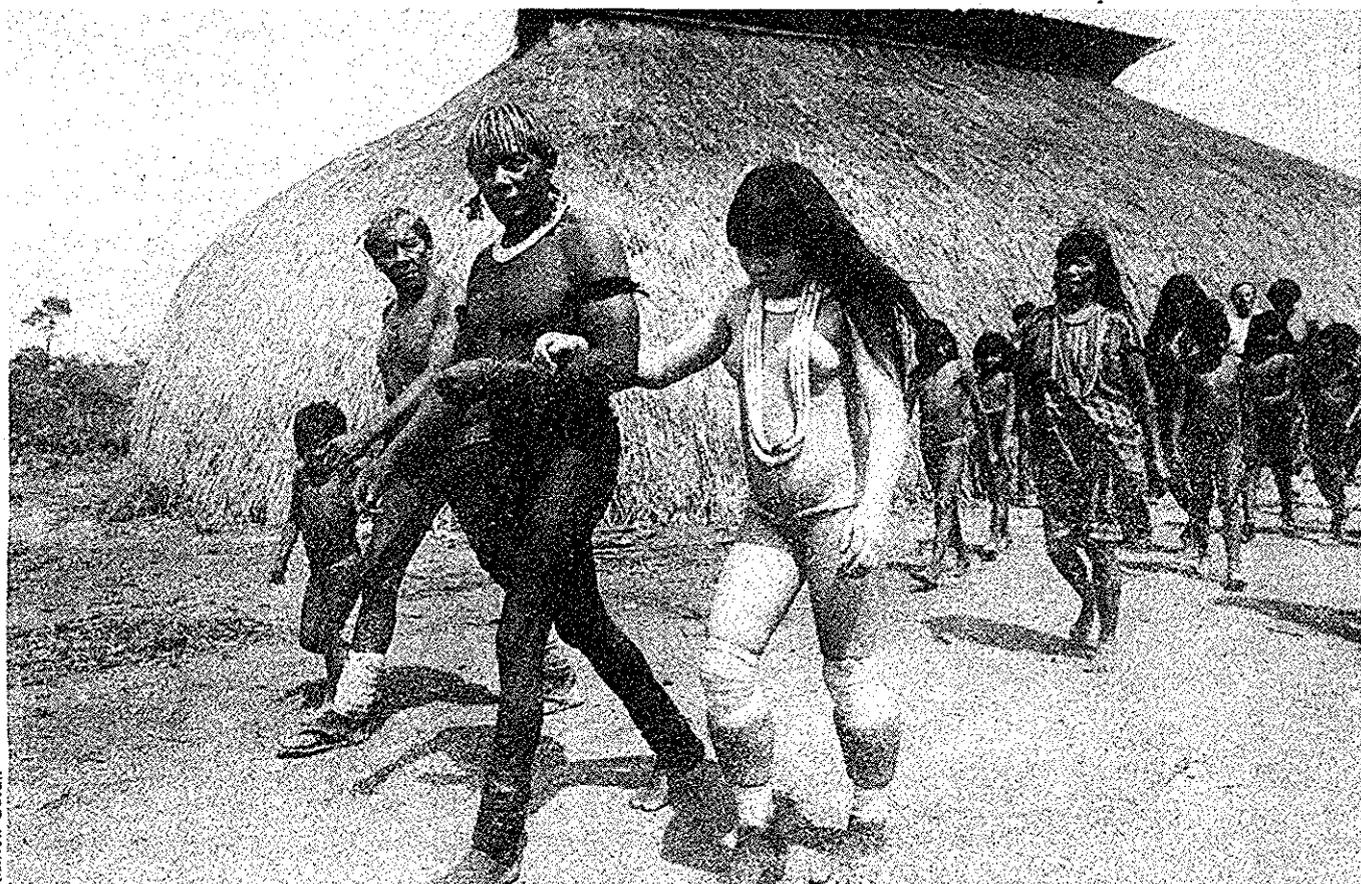
No dia seguinte, todos os convidados, um grupo de cada vez, são levados para a aldeia. Depois do ritual da chegada, cantam em honra dos **kwarup**.

É hora dos lutadores se prepararem para a luta, pintando o corpo com óleo de pequi sobre fuligem, o que lhes dá um aspecto reluzente e de um negro brilhante. Tudo pronto, os visitantes são introduzidos no terreiro. Desta vez adornados e acompanhados das mulheres de sua aldeia e da bagagem. Todos se acomodam: "os capitães" sentados em banquinhos, atrás as mulheres e a seguir os homens, levantados. É hora de começar

a luta. Os pares, representando duas tribos, se enfrentam, e os campeões são contemplados com cintos de algodão dos **kwarup**.

O antagonismo da luta dá lugar ao oferecimento do pequi, por uma moça em período de reclusão pubertária. É o reconhecimento público da menina que se torna moça. Daqui pra frente, o cerimonial vai se tornando cada vez mais informal, até que os convidados começam a ir embora.

Os **kwarup** são desenterrados, mas nem sempre atirados na água naquele mesmo dia. A aldeia fica vazia, pois saem para uma pescaria coletiva. Antes, porém, o que sobrou da castanha de pequi deve ser distribuído. Ela é socada e misturada ao peixe cozido em grande quantidade. Servido com beiju, só os homens e mulheres casados podem comer. Desses, entretanto, é conveniente que se abstenham os mais novos e os com poucos filhos, pois senão ficarão com os pés como queimados. Os mortos? Tiveram sua força passada para os vivos.



A moça sai da reclusão pubertária para oferecer pequi aos participantes do kwarup